



## **A EDUCAÇÃO DA IDADE MODERNA À MODERNIDADE DIGITAL: uma breve reflexão.**

Acleciano Ancelmo da Silva<sup>1</sup>

Guilherme Barbosa Biriba<sup>2</sup>

Henrique Nou Schneider<sup>3</sup>

### **RUSUMO**

Os primórdios da educação de forma sistematizada e desvinculada dos entrelaces da Igreja Católica se deram na Idade Moderna. Este artigo traz breves reflexões sobre o contexto social em que nasceu a educação brasileira, bem como as influências da Idade Moderna e de como esses fatos continuam presentes na educação contemporânea, em específico, na contextualização da educação com as tecnologias digitais. Essas reflexões estão divididas em três partes, abordando como a educação sistematizada foi expandida, principais pensadores da educação na Idade Moderna e, por fim, a educação nos dias atuais. O objetivo é de lançar luz às raízes das primeiras visões educacionais e como essas ideias influenciaram o cenário educacional contemporâneo, destacando a permanência de certos ideais e a urgência de adaptar outras à realidade atual. Como subsídio bibliográfico, foram realizadas leituras e revisões bibliográficas pertinentes à temática explícita.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação; Idade Moderna; Educação Contemporânea; Tecnologias Digitais; Reflexões.

### **ABSTRACT**

The beginnings of systematic education, untethered from the Catholic Church, occurred in the Modern Age. This article offers brief reflections on the social context in which Brazilian education emerged, as well as the influences of the Modern Age and how these factors continue to be present in contemporary education, specifically in the contextualization of education with digital technologies. These reflections are divided into three parts, addressing how systematized education was expanded, the main thinkers of education in the Modern Age and, finally, education today. The objective is to shed light on the roots of early educational visions and how these ideas influenced the contemporary educational landscape, highlighting the permanence of certain ideals and the urgency of adapting others to current reality. As bibliographic support, readings and bibliographic reviews relevant to the explicit theme were carried out.

**KEYWORDS:** Education; Modern Age; Contemporary Education; Digital Technologies; Reflections.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação (UFS/PPGED); Doutorando em Educação (UFS/PPGED); participante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Informática na Educação (GEPIED/UFS/CNPq); Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-9000-3842>; e-mail: [aclecianoancelmo@gmail.com](mailto:aclecianoancelmo@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Educação (UFS/PPGED); Doutorando em Educação (PPGED/UFS); Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Informática na Educação (GEPIED/UFS/CNPq); Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-5447-6666>; e-mail: [guigobb@gmail.com](mailto:guigobb@gmail.com)

Mestre em Computação (UNICAMP); Doutor em Engenharia de Produção e Sistemas (UFSC); Professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS); líder Grupo de Estudo e Pesquisa em Informática na Educação (GEPIED/UFS/CNPq); Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2354-576X>; e-mail: [hns@terra.com.br](mailto:hns@terra.com.br)



## 1 INTRODUÇÃO

A transição da Idade Média para a Idade Moderna, em meados do século XV (por volta de 1450-1460), provocou rupturas significativas que marcaram a história da humanidade. Hegemonias, como o cristianismo, foram enfraquecidas com o surgimento da Reforma Protestante; ameaças e questionamentos ao poder aristocrático da classe nobre; o surgimento do renascimento que mudou o comportamento social das pessoas evidenciando o antropocentrismo; o apogeu da ciência e da arte; o começo da ascensão das classes populares; as navegações para conquistas e colonização de territórios como as Américas e a África; foram alguns dos fenômenos que caracterizaram esse período.

Na educação (ler, escrever), neste contexto transitório, houve rupturas e de forma paradigmáticas, por ser restrita ao clero da Igreja Católica, que monopolizava o acesso à literatura, a exemplos dos textos bíblicos, e que direcionava ensinamentos exclusivos a classe nobre voltados para o comportamento em público e principalmente em conhecimentos da geografia e da história para se criar estratégias de vencer guerras, pois conhecer o território inimigo nos aspectos geográficos dos campos de batalhas facilitaria no sucesso de uma batalha. Além disso, esses dois conhecimentos também contribuíam na criação e/ou colonização e administrar novos impérios.

Dentro deste contexto transitório e de outros da história, a educação, com sua sapiência, portou/porta-se como estratégia, poderosa, de transformação social e individual. Desde os primórdios da Idade Moderna, pensadores e educadores como Nóbrega, Erasmos de Rotterdam, Comenius, e John Locke exploraram e promoveram visões distintas, mas igualmente impactantes, acerca do papel da educação como agente transformador da sociedade. A perspectiva universalista e humanista de Comenius, por exemplo, contrasta-se com as abordagens pragmáticas e colonizadoras de Nóbrega e com as demais, mas ambos compartilhavam a crença no poder da educação para moldar não só indivíduos, como também a sociedade em que estavam inseridos. Essas perspectivas serão refletidas neste artigo paralelo à educação dos dias atuais, inserida no contexto das tecnologias digitais.



Assim, essa produção, a partir de leituras e revisões bibliográficas, tem como objetivo lançar luz às estas visões educacionais e refletir como essas ideias influenciaram o cenário educacional contemporâneo, destacando algumas permanências no contexto educacional atual gerando um anacronismo que pode comprometer os processos de aprendizagens contemporâneas.

## **2 A EDUCAÇÃO DA IDADE MODERNA À MODERNIDADE DIGITAL: uma breve reflexão.**

O Renascimento, como movimento intelectual, agregado a Reforma Protestante, sujeitou a Igreja Católica, que até então era a mentora em decisões monárquica e “representante” de Deus na terra com ações e atitudes inquestionáveis, a buscar estratégia de permanência e domínio da fé cristã, não só com a nobreza, mais com as classes populares que emergiam e questionavam seus posicionamentos e evidenciavam a ciência para compreender fenômenos que até então eram respondidas com dogmas cristãos. Uma das estratégias foi legitimar e se munir das ordens religiosas, que, segundo Franco (2009), eram sociedades de vida apostólica, paralela à vida sacerdotal, que dedicavam suas vidas a uma regra religiosa em direção a Deus que era o seu bem supremo. Para o autor, “Em terminologia técnica os membros dos Institutos de Vida Consagrada são designados «Religiosos» ou «Consagrados». No entanto, usou-se chamar genericamente aos membros das ordens religiosas, além de monges ou frades, de regulares” (Franco, 2009, p. 2). Essas ordens religiosas passaram a expandir a fé católica, aliando-se às navegações no processo de colonizações de “novas terras”, catequizando povos e fortalecendo as doutrinas católicas em volta do mundo. Aqui no Brasil, isso aconteceu por meio da Companhia de Jesus.

As ordens religiosas tiveram um papel crucial para a expansão das escolas e da educação sistematizada. O que até então era restrito aos sacerdotes e as ordens religiosas, passou a ser expandida para a sociedade, porém para os nobres e do sexo masculino ou para meninos órfãos acolhidos por estas ordens como, por exemplo, o Colégio dos Meninos Órfãos da Invocação de Nossa Senhora do Monserrate, fundando em 1273 pela rainha D. Brittes, esposa do rei de Portugal D. Afonso. Esse colégio foi reformado e reformulado pela Rainha D. Catarina, esposa do rei português D. João III, como instância do catalão Doménech, em



1549 (Lisboa antigamente, 2023, *on-line*). No ano de 1551, o colégio passou a ser chamado de Colégio dos Meninos de Jesus (Hansen, 2010). Esse colégio preparava os órfãos para realizarem missões religiosas na África e no Brasil.

## 2.1 Primórdios da educação brasileira: Nóbrega e a uma educação colonizadora

Os missionários chegaram ao Brasil em março de 1549 em Vila Velha na Bahia. A Companhia de Jesus, assim chamados, era liderada pelo padre Manoel da Nóbrega, da Ordem dos Jesuítas que teve um papel crucial para implantação de escolas no Brasil, embora sua maior missão fosse de catequizar os índios e arrebanhar fies para a igreja católica e para serem súditos da coroa portuguesa como ressalta Hansen (2010, p.15) afirmando que,

A catequese jesuítica é prática religioso-política essencial para a expansão territorial, militar, política, agrícola e mercantil da Coroa portuguesa. A integração dos indígenas ao corpo místico da Igreja Católica por meio da redução, conversão, batismo e mais sacramentos converte-os em súditos da Coroa.

O processo de catequização dos índios do Brasil estava atrelado ao ensino da Língua Portuguesa para que os nativos se tornassem cristãos e falantes portugueses. Ao chegar à Vila Velha, Nóbrega estabeleceu uma escola de ler e escrever que foi transferida para Salvador assim que foi fundada. O colégio na Bahia, além de ensinar de forma sistematizada a ler e escrever, ensinava outras atribuições, como relatou Nóbrega em carta de agosto de 1557, segundo Hansen (2010). Nestas cartas, Nóbrega informava que dentre os órfãos atendidos pelo colégio havia quem demonstrasse capacidade para ser um religioso da sua Ordem Religiosa e que a outros eram dados tarefas de mecânicos e dois ou três não tinham aptidão a nada e era melhor mandá-los de volta a Portugal. Neste contexto, o interesse do colégio era de transformar meninos em futuros padres/religiosos ou em profissionais para trabalhar na construção de capelas e obras da coroa portuguesa, já que o Brasil estava sendo urbanizado e se firmando como colônia de Portugal.

A educação voltada a ler e escrever, implantada no Brasil pelos Jesuítas, abrangia as crianças e as classes sociais existentes, algo não visto antes da Idade Moderna. A descentralização de poder da Igreja Católica associada a perda de fiéis fez com que o processo de catequização começasse desde cedo e incluindo a alfabetização para produzir jovens



padres. Neste aspecto, a educação escolar não era igual para todos. As crianças recebiam escolarização dependendo dos recursos e disponibilidade de local e em tempo que lhe achavam oportuno, respeitando sua capacidade de compreensão das coisas. Aos brancos e mamelucos, o ensino em colégios e seminários era conforme a ordem social a qual pertenciam e aos índios o objetivo era de destribalizá-los e torná-los escravos, os ensinos eram realizados junto à catequese, como relatou Nóbrega em suas cartas enviadas ao rei de Portugal, segundo Hansen (2010).

Por outro lado, Nóbrega, atuando no contexto da colonização portuguesa no Brasil, enxergava a educação sob uma ótica diferente. Para ele, o objetivo primordial da educação era a cristianização e a integração dos povos indígenas à sociedade colonial. Sua abordagem, inserida no projeto colonizador jesuítico, visava não apenas a formação religiosa, mas uma educação integral que incluía o ensino de línguas, história, ciências naturais e artes (Hansen, 2010). Contudo, é inegável que essa formação estava subordinada aos valores e objetivos do Império Português, sendo utilizada como um instrumento para moldar os indígenas aos moldes culturais e religiosos europeus. A Figura 1 apresenta os prós e os contras desse processo educacional dentro do viés do contexto da época no Brasil.

**Figura 1: Educação como ferramenta de colonização no Brasil**

| Prós                                                                                                   | vs | Contras                                                                                                               |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  Cristianização     |    |  Imposição cultural                |
|  Integração social  |    |  Subordinação aos valores europeus |
|  Ensino integral    |    |  Perda de identidade               |
|  Formação religiosa |    |  Instrumento de controle           |
|  Ensino de línguas  |    |  Desigualdade                      |

Fonte: autoria própria (2025)



A pedagogia jesuítica enfatizava a memorização e a imitação de modelos clássicos, como Cícero e Aristóteles, para o ensino da retórica e da lógica (Hansen, 2010). Nesse sentido, a educação de Nóbrega era profundamente hierárquica e disciplinadora, refletindo o controle que a Coroa Portuguesa desejava exercer sobre suas colônias e mesmo tendo promovido uma formação integral, que ia além da simples catequese, sua visão de educação estava intrinsecamente ligada ao projeto de colonização e dominação cultural.

## **2.2 Pensadores educacionais além Nóbrega: breves reflexões**

A idade Moderna despertou outros vieses teóricos e metodológicos para educação fora dos entrelaces da igreja, que até então era responsável não só pela educação sistematizada de ensinar a ler e escrever, mas também a educar crianças e jovens a serem civilizados e virtuosos diante da sociedade e da igreja. É pertinente ressaltar que, neste contexto, a educação para as mulheres era voltada para se tornarem donas de casa e boas esposas.

Teólogos, filósofos, especialistas que tiveram formação educacional dentro das redomas das ordens religiosas começaram a escrever cartas (manuais) de como educar crianças, jovens, adultos e até mesmo as mulheres, pois neste contexto, a mulher era apenas para ter filhos e cuidar do lar. É na modernidade que os sistemas educacionais que temos hoje começaram a dar os primeiros passos dentro da Europa e consequentemente nos países colonizados, em específico os latinos americanos.

Dentre as cartas (manuais) escritas para ensinar e educar a criança (masculina) está a de Pueris (Dos Meninos) - A Civilidade Pueril, de 1530, escrita por Erasmos de Rotterdam, teólogo, filósofo, humanista e educador. Este manual é destinado aos pais de todas as classes sociais e os ensinava como educar seus filhos para serem pessoas civilizadas dentro da sociedade de forma sistematizada. Segundo o autor, era necessário seguir etapas para instruir crianças, citando quatro: a primeira era voltada para a fé, para que desde cedo a criança cultivasse as sementes da piedade. A segunda era voltada para o amor pelas belas-artes e fazer o bem. A terceira era voltada para aprender coisas voltadas para os deveres da vida e a quarta era voltada para regras da civilidade, a qual ele se dedicou no manual (Rotterdam, 2000).

A inovação, podendo ser chamada também de revolução, da educação no período da modernidade consistiu na publicação da carta (manual) Didactica Magna ou Didática Magna

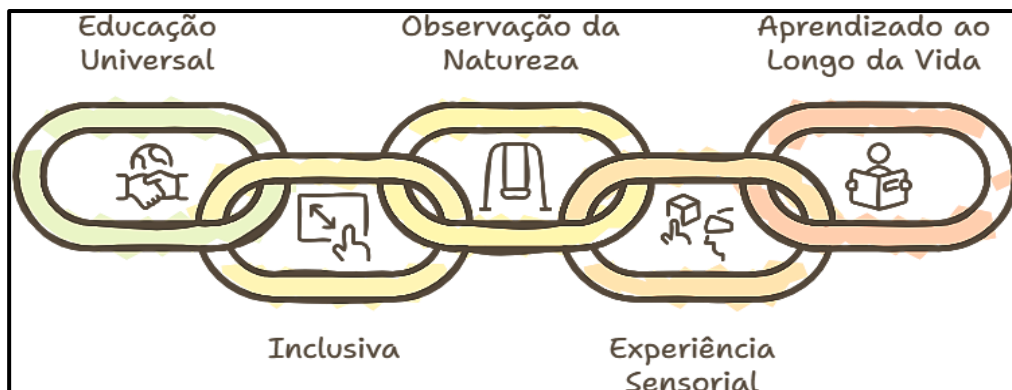


em 1649 por Iohannis Amos Comenius, um dos principais expoentes da educação moderna que desenvolveu uma visão radicalmente disruptiva para sua época, propondo um sistema educacional universal e inclusivo, fundado nos princípios da observação da natureza e da experiência sensorial. Para Comenius, a educação era um processo contínuo e sistemático, que deveria começar na infância e acompanhar o indivíduo ao longo de sua vida. Em suas palavras, "[...] dos anos da infância e da educação depende todo o resto da vida" (Comenius, 2001, p. 43). Essa abordagem do autor ressalta a importância de uma pedagogia estruturada desde os primeiros anos e trouxe um tratado da Arte Universal de ensinar tudo a todos com a sistematização do ensino por etapas de aprendizagem conforme a idade, por disciplinas e colocou a educação como responsabilidade de todos: pais, professores, estudantes, escolas, estado e igreja.

Esses fundamentos da educação corresponsável estão firmados no Art. 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, a Lei nº 9.394/96, assim escrito: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”(Brasil, 1996). O princípio da universalização da educação também está presente em diversos países que promovem um sistema de ensino que abrange todas as classes sociais e gêneros como propõe Comenius (2001 p. 38), no Capítulo 9, parágrafo 1, ao afirmar que “Devem ser enviados às escolas não apenas os filhos dos ricos ou dos cidadãos principais, mas todos por igual, nobres e plebeus, ricos e pobres, rapazes e raparigas, em todas as cidades, aldeias e casais isolados [...]”. Nesta ótica, o autor ainda destaca que “Importa agora demonstrar que, nas escolas, se deve ensinar tudo a todos” (Comenius, 2001, p. 40). Propor uma educação universal e igualitária dentro do contexto social, ainda com vestígios da idade média, foi algo revolucionário, pois nessa universalização não estavam somente todas as classes sociais, mas todos os gêneros e idade. A Figura 2, a seguir, ilustra a perspectiva educacional de Comenius.



**Figura 2: Visão Educacional de Comenius**



**Fonte:** Autoria própria (2025)

A ideia de educação universal é uma das grandes contribuições de Comenius para o pensamento educacional contemporâneo. Ele defendia que todos, independentemente de seu gênero, classe social ou ocupação futura, deveriam receber uma educação sólida e abrangente. Em um contexto onde a educação era, frequentemente, privilégio de poucos, Comenius propôs a democratização do conhecimento, argumentando que "[...] na escola, deve ensinar-se a todos todas aquelas coisas que dizem respeito ao homem, embora, mais tarde, umas venham a ser mais úteis a uns e outras a outros" (Comenius, 2001, p. 43). Esse conceito foi revolucionário, visto que ele já antecipava uma visão de inclusão e equidade, temas que ressoam fortemente nas discussões educacionais atuais.

Dentre as inúmeras relevâncias e permanências das propostas educacionais da Didática Magna de Comenius que estão presentes nos sistemas educacionais de hoje, está o papel do professor (educador) e da sua importância na vida do estudante como ressalta o autor ao afirmar que:

Todavia, porque, tendo-se multiplicado tanto os homens como os afazeres humanos, são raros os pais que, ou saibam, ou possam, ou pelas muitas ocupações, tenham tempo suficiente para se dedicarem a educação de seus filhos, desde há muito, por salutar conselho [1], se introduziu o costume de muitos, em conjunto, confiarem a educação de seus filhos a pessoas escolhidas, notáveis pela sua inteligência e pela pureza dos seus costumes. A esses formadores da juventude, é costume dar o nome de preceptores, mestres, mestres-escola e professores; os locais destinados a esses exercícios comuns recebem o nome de escolas, institutos, auditórios, colégios, ginásios, academias, etc. (Comenius, 2001, cap. 7, § 2, p. 36)



Além de atribuir a missão de educador ao professor, Comenius afirmou que o lugar para que a educação aconteça seja em locais específicos, dando a entender que fosse fora do seio familiar, rompendo com a ideia de educação domiciliar muito comum da época e também confirma a escolarização laica, quando diz que ginásios, academias, institutos também sejam locais de ensino, ou seja, não só em instituições religiosas. Comenius, também, destacou a importância de um currículo estruturado e gradual, que progredisse de conceitos gerais para específicos, do fácil para o difícil, e que estivesse sempre em harmonia com o desenvolvimento natural da criança. Sua pedagogia baseada na experiência sensorial, no aprendizado ativo e na observação da natureza ainda encontra eco nos métodos educacionais modernos, como as abordagens construtivistas, que também priorizam o papel ativo do aluno no processo de aprendizagem. Segundo o pensador, "As instituições escolares devem ser de quatro graus, em conformidade com a idade e com o aproveitamento" (Comenius, 2001, p. 139).

A Carta Didática Magna de Comenius tornou-se um dos principais documentos para a fundamentação de sistemas de ensino em escala mundial. Nela, a educação está sistematizada por etapas, por idade. Traz métodos e planos de ensino voltados para áreas de conhecimentos. É notório que a proposta de educação de Comenius, tornou-se um manual universal de como ensinar.

Dentre os mentores da educação na Idade Moderna, destaca-se também o médico e filósofo John Locke que enviava cartas a seu amigo Edward Clarke por volta de 1684, ensinando-o como educar seu filho. Essas cartas foram publicadas como um livro em 1693 com o título de *Some Thoughts Concerning Education* (Algumas reflexões sobre a educação) e tornaram-se também um manual educacional com circulação em diversos países. Para Locke a educação era algo que preenchia a mente humana com conhecimento e moral e que para atingir o estado de felicidade era preciso estar com o corpo e mente sã, ou seja, além do conhecimento o ser humano precisava cuidar do seu corpo e assim, a educação não deveria ser apenas com leitura e escrita, mas com tudo que envolvia a existência do ser.

Locke defendia uma educação diferenciada para sexo feminino por acreditar que as diferenças biológicas requeriam aprendizagens específicas. Essa visão está presente em uma de suas cartas quanto autor enfatizou: "[...] o objetivo principal do meu discurso é como um jovem cavalheiro deve ser educado desde a infância, o que em todas as coisas não serão tão



perfeitamente adequar a educação das filhas; porém, onde a diferença de sexo requer um tratamento diferente, não será difícil distinguir” (Locke, 1693, § 1, p. 6). Além de uma educação distinta para as meninas, o autor afirmava que nem todos tinham aptidão para aprender a ler e escrever. Segundo o autor:

Ler, escrever e aprender, eu admito ser necessário, mas não o negócio principal. Imagino que você o consideraria um sujeito muito tolo, que não deveria valorizar infinitamente um homem virtuoso ou sábio diante de um grande erudito. Não, mas acho que aprender ajuda muito a ambos, em mentes bem dispostas; mas, no entanto, deve-se confessar também que, em outros não tão dispostos, os ajuda apenas a serem os homens mais tolos ou piores. [...] O aprendizado deve ser tido, mas em segundo lugar, como subserviente apenas a qualidades maiores. (Locke, 1693, § 147, p. 80).

A proposta de educação de Locke, apesar de não ser igualitária e para todos como a proposta de Cumenius, teve grande relevância dentro da Idade Moderna, por enfatizar o ensino voltado para a virtude e corpo, defendendo espaços de aprendizagens adequados para atividades esportivas e que o ensino fosse conforme as necessidades de cada estudante, além de instruir os pais como educar seus filhos com educação domiciliar.

Contudo, a idade moderna traz reflexões sobre o porquê de institucionalizar o conhecimento, expandir, para além da Igreja Católica e a classe nobre, a leitura e escrita. O pensamento moderno consistia na descentralização de poder e na igualdade entre as classes e seus pares e a educação foi vista como uma estratégia de mudança de pensamento, enfraquecendo os paradigmas religiosos e fortalecendo o conhecimento científico.

### **2.3 A educação contemporânea no contexto das tecnologias digitais: breves reflexões**

A educação na idade moderna deu os primeiros passos para que hoje pudéssemos ter uma estrutura curricular, metodológica, de infraestrutura e políticas educacionais que garantam equidade e universalidade de acesso no sistema educacional brasileiro. Porém, ainda há muitos desafios a serem superados que estão ligados a estas estruturas primárias. As evoluções sociais e tecnológicas desde a chegada dos portugueses ao Brasil aos dias atuais nos permitem perceber que nem sempre a educação caminhou próxima com esses avanços. Grande parte das escolas ainda possui o mesmo formato do ensino sistematizado, sem



interdisciplinaridade. As áreas de conhecimento não se entrelaçam. Neste contexto, é pertinente focar na evolução tecnológica que permeia a atual sociedade e reflete na educação.

As tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) podem ser consideradas como as principais responsáveis pela evolução e mudança de comportamento das pessoas, atualmente, que, conscientes ou inconscientes, utilizam-nas em suas rotinas mais simples às mais complexas. O ser atual é um ser humano e digital. Os estudantes que estão nas escolas são estudantes humanos que convivem na sociedade cada vez mais digitalizada. Faz-se necessário que a educação, diferente da apresentada na idade moderna, atenda às necessidades sociais e não de interesse próprio de classes privilegiadas e de colonizadores. Nesse sentido, a educação deve estar inserida no contexto social digital da atualidade. Para Carvalho, Silva, Wanderley e Schneider (2025), é necessário que a educação compreenda o poder de transformação das TDIC na aprendizagem dos estudantes. Ainda para os autores, “Elas proporcionam uma imensa gama de recursos e possibilidades, que vão além do simples acesso à informação. Permitem a construção de conhecimento de forma interativa, colaborativa e multidisciplinar” (Carvalho, Silva, Wanderley e Scheider, 2025, p. 15).

As evoluções sociais mudaram/mudam o comportamento das pessoas e no contexto das TDIC isso é evidenciado na forma como as pessoas passaram a se relacionar e se comunicar usando dispositivos móveis conectados em redes mundiais, rompendo com barreiras de distâncias geográficas. As pessoas passaram a estar mais próximas de forma onipresente e ubíqua e suas aprendizagens foram mais difundidas, o que deixa a escola vulnerável à medida que se esquia desta realidade. O autor Schwab (2016, p. 12), corrobora com essa reflexão ao afirmar que “Na sociedade, há uma mudança de paradigma em curso no modo como trabalhamos e nos comunicamos, bem como nas maneiras de nos expressarmos, nos informarmos e nos divertirmos”. A educação precisa estar aberta a essas mudanças e adaptar suas práticas pedagógicas e metodologias para campo das TDIC, não só como uma estratégia de ensino-aprendizagem, mas de como estas devem ser utilizadas de forma consciente, responsável e com sapiência, promovendo o processo criativo humano. Harari (2018, p.328), comunga desta vertente afirmando que, “A tecnologia não é uma coisa ruim. Se você souber o que deseja na vida, ela pode ajudá-lo a conseguir. Mas se você não sabe, será muito mais fácil para tecnologia moldar por você seus objetivos e assumir o controle de sua vida”. O risco de entregar o processo de criatividade humana às TDIC também é posto pelo filósofo Edgar Morin ressaltando que, “Na era das telecomunicações, da informação, da



internet, estamos submersos na complexidade do mundo, as incontáveis informações sobre o mundo sufocam nossas possibilidades de inteligência”. (Morin, 2000, p. 64). Schneider (2019, p. 39), também contribui com essa reflexão, ao afirmar que:

A Educação, berço da formação intelectual formal dos indivíduos, é a principal responsável por apresentar modelos pedagógicos que privilegiem a criatividade, através de processos que busquem oportunizar aos aprendizes a descoberta pelas próprias “mãos”, ou melhor, pelos próprios cérebros, sem receber o conhecimento simplesmente transmitido.

É necessário haver um equilíbrio entre a utilização das tecnologias digitais para ajudar o ser humano em suas atividades rotineiras e, aqui específico, atividades educacionais e a proteção à capacidade de criar e pensar destes. A educação na era digital requer uma compreensão do papel do estudante na sociedade e de como ajudá-lo em sua identidade de ser social e digital, ou seja, formar um cidadão capaz de reconhecer sua gênese cultural e lidar com as transformações comportamentais provocadas pelas tecnologias digitais estando apto ao mercado de trabalho que também passa por mudanças constantes. É algo desafiador para educação preparar um estudante para uma sociedade ou para uma profissão que ainda não existe, pois a velocidade de transformações das tecnologias aponta para a extinção de profissões e surgimento de outras para atender esta demanda evolutiva do mercado de trabalho. Para Castells (2020, p. 456), “O que caracteriza o novo sistema de comunicação, baseado na integração em rede digitalizada de múltiplos modos de comunicação, é a sua capacidade e inclusão e abrangência de todas as expressões culturais”. Há uma gama de expressões culturais dentro do universo digital - inclusive a cultura do mercado de trabalho - que a escola precisa observar, porém, por continuar atrelada à educação dos primórdios, causa um distanciamento entre escola e sociedade atual.

Frente a estas proposições, o autor Pretto (2013, p. 74), ressalta que, “O atual momento histórico está a exigir, portanto, uma reflexão um pouco mais ampla, que permita uma maior compreensão dos novos elementos presentes no cotidiano das pessoas [...] sobre os meios de comunicação e informação.” Para Harari (2018, p. 322), “No mundo assim, a última coisa que um professor precisa dar a seus alunos é informação. Eles já têm informação demais. Em vez disso, as pessoas precisam de capacidade para extrair um sentido de informação, perceber a diferença entre o que é importante [...]”. Assim, a educação não precisa absorver tudo que as tecnologias proporcionam, não só por se arriscar e colapsar, mas,



principalmente, pelo seu compromisso de formar seres humanos capazes de refletir, criticar e criar, processos estes que Morin (2000, p. 39, grifo nosso), ressalta afirmando que, “Em consequência, a educação deve promover a **inteligência geral** apta a referir-se ao complexo, ao contexto de modo multidimensional e dentro da concepção global”. No processo de promoção da inteligência, o autor ainda afirma que “A condição humana está marcada por duas grandes incertezas: a incerteza cognitiva e a incerteza histórica. [...] Conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza” (Morin, 2003, p. 59). A incerteza é combustível que aguça a curiosidade, que impulsiona o ser humano a buscar respostas e nesse caminho nasce à aprendizagem. As TDIC trazem respostas prontas, dispensando a reflexão e a criatividade de seus usuários e, aqui específico, os estudantes.

A reflexão anterior não aponta oposição a utilização das TDIC na educação, mas aponta para a utilização como estratégia pedagógica e de contextualização, atualizando o processo de ensino-aprendizagem com a sociedade digital a qual o estudante está inserido e é um agente ativo. As tecnologias, quando utilizadas de forma planejada e responsável, trazem inúmeros benefícios para a educação. Segundo Silva (2022, p 78), “TDIC, além de atuarem como estratégias metodológicas de ensino, são colaboradoras na mediação do conhecimento entre professor e estudante em uma rede de troca de saberes, experiências que resultam na efetivação do processo de ensino-aprendizagem [...]”. A educação e as tecnologias estão inseridas no mesmo contexto temporal e ambas podem se completar no desenvolvimento social e intelectual dos seres, e ainda para o autor é oportuno refletir que:

As TDIC, dentro do contexto educacional, não podem ser utilizadas para fazer mais do mesmo. Suas inúmeras funcionalidades, fora do âmbito escolar, facilitam a vida das pessoas em todos os aspectos, principalmente no campo da ciência e na praticidade de transações financeiras e desburocratização dos serviços públicos e privados. (Silva, 2022, p.77).

A educação é uma forma de preparar o ser para o convívio social. Isso pode ser observado ao analisar os primeiros manuais de educação na idade moderna e é nítido que a educação contemporânea também assume esse objetivo, porém em contexto diferente e que além do conhecimento para conviver em sociedade, é preciso lidar com inúmeras mudanças tecnológicas que surgem velozmente modificando na mesma proporção de velocidade o comportamento humano. Além dos desafios de não ser anacrônica, a escola tem o desafio de



atender as demandas comportamentais de seres em constantes mutações psicológicas e cognitivas.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cenário atual, as visões da educação na Idade Moderna podem ser revisitadas e questionadas à luz das mudanças sociais e tecnológicas que marcaram os séculos XX e XXI. A educação, em um mundo globalizado e digital, continua sendo um poderoso instrumento de transformação, mas enfrenta novos desafios, como a desigualdade de acesso às tecnologias e a necessidade de repensar o currículo diante de um mundo em constante mutação. Nesse sentido, as ideias de Comenius sobre a universalidade da educação permanecem relevantes, sobretudo no debate sobre inclusão digital e equidade no acesso ao conhecimento.

As lições de Nóbrega, Erasmos de Rotterdam e Locke também nos alertam para os perigos de uma educação que, em vez de emancipar, busca homogeneizar e controlar. Em um contexto global onde as tensões culturais e identitárias são cada vez mais evidentes, é importante que a educação contemporânea se distancie de projetos colonizadores e de qualquer tipo de desigualdade e promova, ao invés disto, uma formação que valorize a diversidade e a crítica ao *status quo*, ou seja, a educação precisa caminhar junta com as mudanças sociais e evoluções/ inovações tecnológicas.

Ler, escrever, ter conhecimentos acadêmicos é uma forma de poder e de domínio sobre aqueles considerados leigos. Isso é tão atual que os piores índices de educação estão nos países pobres e com as maiores desigualdades sociais. Investir em educação para todos é dar e compartilhar poder e enfraquecer as classes dominantes. O modernismo foi o começo do declínio de muitas classes dominantes, dentre elas a Igreja Católica, que monopolizava o conhecimento, ou o produzia e convencia que ele era a "verdade absoluta e superior" que só os nobres e escolhidos por Deus, eram dignos dessa virtude. Na atualidade, é preciso ter cuidado para que a educação não seja secundária e que as tecnologias digitais sejam as detentoras do saber e inquestionáveis, colonizando a liberdade criativa humana.



## Referências

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, 1996.

CARVALHO, Mara Luz de; SILVA, Paulo Marques de Oliveira; WANDERLEY, Tencredo; SCHNEIDER, Henrique Nou. Possibilidade e cuidados: as TDIC como interface do ensino-aprendizagem. *In*: SCHNEIDER, Henrique Nou; CARVALHO, Tranquedo Wanderley de (org.). **INTERFACES "Educação-Tecnologias Digitais" na realidade brasileira: uma breve discursão**. 1º. ed. Aracaju: PHISLAN, 2025. cap. 1, p. 11-24.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução: Roneide Venancio Majer. 22. ed. rev. e atual. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

COLÉGIO dos Meninos Órfãos, à Mouraria. Lisboa de Antigamente, 2023. Disponível em: <https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2023/02/colégio-dos-meninos-orfaos-mouraria.html>. Acesso em : 10 de nov. de 2024.

COMENIUS, Iohannis Amos. **Didactica Magna**. Tradução: Joaquim Ferreira Gomes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. E-Book

GIOVANAZZI, Maria Cristina P. M. Renascimento: Uma Ruptura Medieval ou Continuidade Moderna? **História, Imagem e Narrativas**, n. 18, p. 1-12, 2014.

HANSEN, João Adolfo. **Manuel da Nóbrega**. Recife: Massagana, 2010.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. Tradução: Paulo Geiger. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

LOCKE, Jonh. **Algumas reflexões sobre a educação**. [S. l.: s. n.], 1693. Disponível em: <http://www.socsci.kun.nl/ped/whp/histeduc/locke/>. Acesso em: 20 set. 2024.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000

PRETTO, Nelson De Luca. **Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia**. Salvador: Edufba, 2013.

ROTTERDAM, de Erasmos. **A Civilidade Pueril**. Tradução: Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2000. v. 26.

SCHNEIDER, Henrique Nou. **Escritos e Reflexões sobre as TDIC, Educação E Sociedade**. Paulo Afonso: Oxente, 2019



**SIMEDUC**

12º Simpósio Internacional de Educação e Comunicação  
3º Fórum Permanente Paulo Freire

22 a 24 de outubro de 2025

ISSN: 2179-4901

SCHWAB, Klaus. **A quarta revolução industrial**. Tradução Daniel Moreira Miranda. São Paulo: Edipro, 2016

Silva, Acleciano Ancelmo da. Ensino remoto emergencial: da internet na escola à escola na internet. **UFS**: artigos, São Cristóvão/SE, 13 abr. 2021. Disponível em: <https://www.ufs.br/conteudo/67061-ensino-remoto-emergencial-da-internet-na-escola-a-escola-na-internet>. Acesso em: 08 jun. 2022.